

## **As Implementações Médico- Higienista de Belém no Limiar do Século XX**

Erica S. Almeida Santos  
Bacharel e Licenciada em História - UFPA

Com advento republicano no Brasil, as principais cidades do país deflagraram um grande esforço modernizador que culminou em um amplo projeto de reformas inspirado na Paris Haussmanniana<sup>1</sup>, projeto este que acabou alterando substancialmente o espaço urbano e domiciliar, interferindo nos hábitos, costumes e relações sociais.

A Amazônia, nas primeiras décadas do século XX, vivenciou um período de grande riqueza econômica gerada pela exploração gomífera, o que possibilitou a clara aplicação de tal projeto reformador na capital paraense, o qual terá seus reflexos sentidos no espaço da cidade, mesmo após o declínio da economia gomífera.

A cidade de Belém, nos primeiros anos do século passado, foi administrada pelo intendente Antônio José de Lemos, que governou a cidade de 1897 à 1911. Este, um conhecido representante da elite econômica, foi um dos grandes responsáveis pela busca do adequamento de Belém ao modelo “civilizador” das cidades européias, especialmente a capital francesa.

O intendente Antônio Lemos, administrou a cidade de Belém por 14 anos, período em que, inspirado na Paris de Haussmann, transformou a cidade em um verdadeiro canteiro de obras, é ele que em 1901 inaugura o mercado do Ver-o-Pêso, também chamado de mercado de Ferro, hoje o principal cartão postal da cidade, reformou o Bosque Municipal e arborizou a cidade com mangueiras<sup>2</sup>.

A busca pelo adequamento da cidade ao modelo “civilizador”, exigiu a transformação, não só do espaço urbano, que sofreu grandes mudanças estruturais para atender as exigências da economia capitalista, mas também, dos hábitos, costumes e comportamentos sociais que envolveu todo um aparato de leis, códigos de postura, etc, que tinham como objetivo normatizar e regradar as classes populares.

A batalha pela modernização, não almejava apenas disciplinar a cidade no espaço público, mas também queria invadir a casa, ou seja, o espaço privado e regradar hábitos e costumes das pessoas, de acordo com o padrão burguês, que importado da Europa, especialmente da França, almejava fazer da cidade uma vitrine do poder, neste caso da elite gomífera, e um símbolo de progresso.

Nesta empreitada a figura de médicos exerceu um importante papel, pois através de trabalhos, teses, livros, notas de jornais, ocorreu a divulgação dos princípios da higienização do lar, através de conselhos e sugestões de limpeza, arrumação e organização de cômodos; e também das relações interpessoais, que deveriam ser executadas pela família, tanto no âmbito doméstico, quanto na esfera da rua; para isso tais médicos traçaram discussões em prol da desodorização do lar e da valorização da família nuclear, onde, de acordo com Magali Engel, através do estabelecimento de confiança e um contato mais próximo com a mulher, o médico aos poucos modificariam o perfil das relações familiares viabilizando o projeto de higienização dessas relações.<sup>3</sup>

Um bom exemplo, em Belém, de uma tese médica que buscava a divulgação dos preceitos higienistas foi um manual denominado *Noções Gerais de Hygiene*<sup>4</sup>, publicado em 1912, de autoria do Dr. Américo de Campos<sup>5</sup>, o qual detalhava preocupações de higiene que passava por cuidados com o próprio corpo, com as vestes, até os alimentos, onde se percebe a clara intenção de se preservar a saúde do corpo, mas também em interferir nos hábitos pessoais, nos cuidados com as crianças e até mesmo nas formas das relações sociais. Como verificamos ao resgatarmos um artigo do jornal *A Palavra*<sup>6</sup>, de 1919, onde o beijo, um dos símbolos de cortesia e afeto de nossa sociedade, aparece como um grande agente transmissor de doenças, e por isso deveria ser substituído por um aperto de mão, como forma de cumprimento.

Já em 1916, o mesmo jornal *A Palavra*, dava a receita de que:

“É indispensável para salubridade das habitações abrirem-se todas as manhãs as janelas e portas de maneira a arejar os aposentos.

Na limpeza dos móveis deve-se evitar o uso dos espanadores sendo preferível esfregal-os com um panno humido.

O ar mais puro, na aparência, contém corpúsculos microscópicos vivos, que, agitados com poeira penetram no corpo, causando muitas vezes moléstias.

Pelos mesmos motivos deve-se varrer os soalhos com todo cuidado”.<sup>7</sup>

Isto demonstra que o espaço da casa também foi alvo dessa busca pelo adequamento, haja vista que a expansão urbana e capitalista ocorrida na passagem do século XIX para XX, de acordo com Maria Izilda, trouxe o aparecimento da noção de rentabilidade, a eficácia do trabalho em todos os domínios, inclusive no espaço interior, destacando-se a importância da limpeza e da higiene para saúde e o bem estar da família.<sup>8</sup>

O Dr. Américo de Campos em seu manual oferecia várias regras para higiene da habitação onde se verifica que em Belém, a preocupação com a moradia iniciava-se nas fundações do prédio em virtude do tipo de solo úmido e alagado, no qual a cidade foi construída, chegando às plantas das moradias que eram aconselhadas a levarem em consideração o clima, de forma a combater a umidade e favorecer a ventilação, diferentemente, segundo o autor de muitos prédios existentes na cidade que não obedeciam aos preceitos higienistas, além do que, estas habitações “higienicamente aceitáveis” tinham que seguir um padrão de beleza que estivesse de acordo com as necessidades capitalistas, ou seja, a cidade além de um símbolo de modernização, deveria ser também um chamariz para possíveis investidores e para mão de obra.<sup>9</sup>

É claramente perceptível a influência que os preceitos higienistas exerceram nas políticas públicas adotadas em Belém, no início do século XX, como se pode verificar através da Lei nº 419, de 15 de setembro de 1905, onde se determina o modo como os proprietários de prédios deveriam alinhá-los às vias públicas, para novas construções e reconstruções de fachadas, esclarecia-se os casos em que deveriam ser construídas platibandas e outros adornos arquitetônicos nas fachadas dos prédios.<sup>10</sup>

Portanto, observa-se que o discurso higienista traçava um perfil de moradia dotado de banheiros, construídos de materiais impermeáveis, cozinhas arejadas com chão e parede cobertos com mosaico e quarto de dormir, devendo evitar alojar um grande número de pessoas e móveis, que somente os mais abastados possuíam, onde, segundo Paulo César Marinz, cada aspecto da vida das famílias deveria se proceder em seu espaço correto, característica que distinguia também os cômodos para homens, mulheres e crianças, distinções que o referido autor chamou “especialização dos cômodos”, de forma a garantir a intimidade dos membros da família.<sup>11</sup>

A cidade de Belém, no aspecto da urbanização, também refletiu os passos dessa empreitada higienista e regradora, como podemos observar nas Leis e Atos municipais, adotados no período, onde se encontra diversas autorizações para abertura e alargamento de ruas, construção de praças, prédios públicos, mercado, fechamento de moradias apontadas como insalubres, os conhecidos cortiços.

Verifica-se também, no espaço urbano de Belém, o combate aos chamados comportamentos insalubres como, por exemplo, a prostituição, que com a criação do “Instituto de Prophylaxia das Doenças Venéreas”, em 1921, viu-se diante de todo um aparato de combate e fiscalização sobre o meretrício, justificado pela idéia de higienização da cidade e combate às doenças venéreas.<sup>12</sup>

Desta forma, fica demonstrado que as implementações higienistas na cidade de Belém nas primeiras décadas do século XX, buscavam a disciplinalização da cidade e do indivíduo

desde o âmbito privativo até a esfera pública, onde o papel de cada indivíduo ficava claramente definido.

Portanto, nesse momento, a partir de uma política baseada em preceitos higienistas, Belém passa por todo um processo de reorganização e reestruturação tanto física quanto sociocultural, no que tange aos costumes cotidianos da população. Isso modificou substancialmente as feições da capital paraense, pois agora a cidade, localizada na região amazônica, distante dos principais centros político do período, ganha traços de metrópole.

---

<sup>1</sup> Sobre as habitações e moradias na virada do século XIX e primeiras décadas do século XX, ver: MARINS, Paulo César Garcez. “Habitação e Vizinhança - limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras”. In: *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, Vol. III, 1998, pp. 132-214.

<sup>2</sup> Mais informações sobre a vida e a administração de Antônio Lemos, ver: SARGES, Maria de Nazaré. *Memória do Velho Intendente*. Belém: Paka-Tatu, 2002.

<sup>3</sup> ENGEL, Magali. *Meretrizes e Doutores. Saber Médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1ª ed, 1989, p. 44.

<sup>4</sup> CAMPOS, Américo de. *Noções gerais de Hygiene*. Belém: Ed. Livraria Escolar do Porto Oliveira, 1912.

<sup>5</sup> Conhecido médico higienista paraense, membro da Sociedade Médico Cirúrgico do Pará e um dos editores da revista *Pará-Médico*.

<sup>6</sup> *A PALAVRA*, Belém. 10/07/1919. p.01.

<sup>7</sup> *A PALAVRA*, Belém 10/02/1916. p. 02

<sup>8</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. “Na Trama Urbana: do público, privado e do Intimo”. In: *Projeto de História*, São Paulo: EDUC/PUC-SP, N° 3, Junho/96, p.133.

<sup>9</sup> DIAS, Edinea Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto-Manaus 1890/1920*. Manaus: Editora Valer, 1999. p. 38.

<sup>10</sup> BELÉM. Leis, Resoluções Municipais e Actos do Executivo, *Arquivo Público do Estado do Pará*, 1905.

<sup>11</sup> MARINS, *Op. Cit*, pp. 177-178.

<sup>12</sup> A respeito do Instituto de Prophylaxia das Doenças Venéreas, ver: ARAUJO, H.C.de Souza. “A Prophylaxia das Doenças Venéreas no Estado do Pará”. In: *A Prophylaxia da Lepra e das Doenças Venéreas no Estado do Pará*. Belém: Livraria Clássica, 1922.